

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הלפיד

*... alumia-vos, e
aponta-vos o ca-
minho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista, 854-Porto
—(Toda a correspondência deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

O que foi a Cerimónia

da inauguração da Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm ?

por Norberto A. Moreno

Eis uma pergunta a que não podemos responder sem embaraços, embaraços motivados pela impossibilidade de pôr nas nossas palavras o brilho com que decorreu aquela solenidade. Despretenciosamente, contudo, responderemos; e, para mais cabal desempenho desta tarefa, vamos por partes e sinteticamente.

A Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm é um templo israelita caracteristicamente oriental — cúpulas, terraço, ornamentação, etc., tudo o atesta — magestoso, imponente, producto feliz do cérebro fértil e actividade incansável do snr. Cap B. Basto. E' também a séde das Comunidades judaicas do norte de Portugal e um monumento destinado a honrar e a perpetuar a sagrada memória dos mártires da Inquisição.

A cerimónia da inauguração teve lugar no dia 16 de Janeiro do corrente ano pelas 15,5 horas.

Na assistência viam-se portugueses, franceses, ingleses, espanhóis, alemães, italianos, russos, polacos, etc. Várias religiões estavam igualmente representadas.

Entre os portugueses não faltavam os maranos com trajes regionais característicos

reforçando a nota de interessante e simpática policromia.

Começou a solenidade pela *tefillah minh'ah* (oração da tarde) dita pelo moreh Samuel Rodrigues, ladeado pelos Snrs. Cap. B. Basto, M. Bendob e os cantores Dizen-druk e Hertz. Sendo um templo dedicado a maranos foi escolhido um para pela primeira vez nele officiar.

Em seguida os presidentes da Comunidade de Lisboa e de outras estrangeiras conduziram os *Sefarim* (livros da Lei) da sala em que anteriormente se praticava o culto para o *ehal* (arca santa) da sinagoga propriamente dita. Como alguns representantes de comunidades estrangeiras tiveram a gentileza de oferecer à recém-nascida sinagoga *Sefarim*, foram os próprios que no solene cortejo os conduziram.

A *ner-tamid* (luz perpétua — lâmpada que, como o nome indica, permanece acesa, noite e dia, durante a existência do templo, foi acesa pelo snr. Dr. M. Amzalak, presidente da comunidade de Lisboa. Coube-lhe tal

(Continúa na página 2)

O que foi a inauguração da Sinagoga K. M. H. ?

(Continuação)

tarifa visto ter sido êle que na cerimónia da fundação colocou a primeira pedra do mesmo templo

Seguiu-se o serviço de dedicação da nova casa ao culto divino e a oração de Salomão. Esta última—oração que vem na Bíblia, Livro 1.º dos Reis, capítulo 8.º—foi pronunciada pelo snr. Cap. B. Basto. Visto que os judeus primam como tradicionalistas ainda aqui se não abandonou o Livro dos Livros, repetindo se hoje, no século XX, em terras ocidentais, as mesmas palavras que pronunciou Salomão no século X em terras orientais. E foi da mesma maneira o fundador do templo que o fez.

Foram em seguida ditas sucessivamente orações pelo presidente da República portuguesa, pela congregação, pelas vítimas do fanatismo religioso, pela Spanish & Portuguese Congregação de Londres, pela família Kadoorie e por todos os benfeitores. A comunidade do Pôrto tributou assim a todas estas entidades o seu reconhecimento, consideração e veneração.

O *Igdal*—canto profissional da fé judaica—terminou o officio litúrgico.

O snr. Cap. B. Basto fez em seguida um *darusch* (sermão). Referiu-se com a sua palavra fluente e entusiástica à longa e nobre existência do povo judeu, do qual fez uma eloqüente apologia.

Finalmente, tocados a orgão, fizeram-se ouvir: a *Portuguesa*—hino nacional do heroico país em que, salvo o reinado da Inquisição, os judeus viveram sempre livremente; *God save de King* (Deus salve o rei)—hino nacional do diplomático país que mais tem protegido os judeus em geral e os maranos em particular; e *Hatickvah* (Esperança)—hino nacional judaico, único canto que os Israelitas do mundo inteiro podem sem prévio ensaio entoar em côro.

Na Biblioteca Dr. David de Sola Pool teve depois lugar um pôrto de confraternização. Ouvia-se uma miscelânea de linguas, faladas por elementos de tôdas as classes sociais, desde o povo humilde até às élites, que, não obstante a eterogeneidade, mostraram compreender bem que os judeus, pobres ou ricos, mais cultos ou me-

nos cultos, seja qual for a sua origem ou nacionalidade, são sempre irmãos, descendentes do mesmo pai (Abraham) que souberam, desde há 6.000 anos, engrandecer-se pela fé, pelo ideal, amor ao estudo, à civilização, à Paz e à Justiça.

Seguiu-se ainda uma sessão em que a mesa era constituída pelos seguintes senhores: Cap. B. Basto (presidente), Paul Goodman, Dr. Klee, Caceres, Edwards e Dr. Klee (filho).

O snr. Paul Goodman (digníssimo secretário de Portuguese Maranos Comitee de Londres, espirito cultíssimo, escritor célebre e trabalhador incansável em prol da causa judaica, que entre nós deixou muitas simpatias, à parte as suas brilhantes qualidades, pela maneira paternal e carinhosa como acolhia os maranos) leu um sem número de mensagens de tôda a parte do mundo e em tôdas as linguas. Foi esta uma nota extremamente simpática e grata para a jôvem Comunidade do Pôrto.

A participação espiritual nesta solenidade de associações, comunidades, homens de estado, sábios, etc., etc., dos quatro cantos da terra é honrosa para o judaismo e particularmente para esta comunidade.

E para os maranos, repito, imensamente grato saber que o mundo judaico inteiro os felicita com as mais paternais, carinhosas e animadoras palavras—a êles que não há muito começaram a despontar como rosas tímidas da vastidão das cinzas inquisitoriais.

Falaram também os Snrs. Cáceres, do Conselho dos Anciãos da Comunidade Portuguesa de Londres, que teve a gentileza de oferecer auxílio material e espiritual à Comunidade do Pôrto; o snr. Dr. Klee, presidente da Comunidade de Berlim, que igualmente teve a gentileza de lhe oferecer um *sefer torah*; e o snr. Dr. Klee (filho) que fez parte do seu discurso em correcta e pura lingua hebraica. Todos estes senhores, com rara eloqüencia, manifestaram a sua admiração pela grande obra realizada pelo snr. cap. B. Basto.

Muitíssimo mais poderíamos dizer desta solenidade. Limitâmo-nos, porém, à simples orientação do programa, assinalando a técnica inteligente que presidiu à organização do mesmo.

Inauguração no Pôrto do Templo Kadoorie para os Maranos Portugueses

Mensagem

da União Universal das Comunidades Sepharditas

No dia 16 de Janeiro foi inaugurada solenemente no Pôrto a Sinagoga Kadoorie edificada para os Maranos de Portugal.

Nesta ocasião, a União Universal das Comunidades Sepharditas de Paris dirigiu ao snr. Paul Goodman, Secretário Honorário do Comité Londrino dos Maranos, a seguinte mensagem:

Por ocasião da inauguração do Templo dos maranos do Porto, a União Universal das Comunidades Sepharditas dirige à nova Kehilah os seus votos e as suas felicitações.

Se a sobrevivência de Israel tinha necessidade duma prova, os Maranos do Pôrto ali estão para a fornecer. O recente regresso dos Maranos à fé judia após vários séculos de exercício dum culto ao qual foram convertidos pela violência, não é um facto espantoso nos anais da mística humana e um testemunho brilhante da fôrça invencível do espirito judeu?

Durante séculos, na sombra, nas criptas, a pequena flama dêste espirito era transmitida de geração em geração, enquanto sobre o solo flamejavam as chamas da Inquisição.

Que admirável fôrça de resistência!

Que luta desigual!

E contudo, chegou um dia em que a flama do espirito passou por cima das chamas da fogueira. Estas extinguiu-se para sempre e a outra flama eterna, fez a sua reaparição.

Inaugurando o seu templo, os maranos do Pôrto celebram ao mesmo tempo o triunfo da liberdade de consciência sôbre a opressão religiosa, sôbre tôdas as opressões. O Templo do Pôrto, mais que todos os outros templos de Israel, é um monumento que contará aos que passam na linguagem da sua massa, das suas linhas e do seu nome, uma das mais comoventes epopeias judaicas.

O novo templo do Pôrto constituirá sem

dúvida, não sômente uma casa de orações, mas também uma mansão de estudos judaicos.

Será um lar onde a alma e o espirito encontrarão o seu alimento: a alma, a piedade; o espirito, o estudo. E quem sabe? Talvez, graças à sintese dêstes dois grandes valores, reflorecerá sôbre a terra de Portugal um judaísmo tão elevado como nos tempos memoráveis de Don Isaac Abravanel.

Os generosos doadores que forneceram os fundos necessários para a construção dêste templo são os Senhores Lawrence e Horace Kadoorie. Fizeram-no em honra de seu pai, o grande filantropo Sir Elly Kadoorie, e à memória de sua mãe falecida Dona Laura Kadoorie.

Este gesto tem o seu sentido. Como honrar um pai do qual tôda a vida foi votada à mais larga beneficência, se não é por um grande acto de generosidade.

Sir Elly Kadoorie é no mundo sephardi de nossos dias o maior filantropo. Os mais belos testemunhos das suas liberalidades são os hospitais, as escolas, as sinagogas construídas à sua custa em diversos países, notavelmente no Irak, na Persia, na Siria, na Palestina, em Constantinopla, em Shanghai, e noutros lugares. E' pois espantoso que os snrs. Lawrence e Horace Kadoorie, educados em boa escola, tenham resolvido testemunhar o seu reconhecimento e afeição filiais pela criação duma sinagoga unica no seu genero e chamada a grandes destinos?

A União Universal das Comunidades Sepharditas, neste dia histórico, é feliz de dirigir ao seu presidente honorário, Sir Elly Kadoorie, as suas homenagens respeitadas e a expressão da sua admiração. Possa êste grande servidor de Israel viver longo tempo rodeado da afeição dos seus e do reconhecimento dos seus numerosos protegidos e

16 - Fev.º - 1916

Morte de Elias de Montalto

Um marano do século XVI que fugiu de Portugal com fama de bom médico e morou 1.º em Livorno e depois em Veneza.

Foi convidado por Maria de Medicis, rainha de França, para entrar ao seu serviço. Ele entrou com as condições de livremente praticar a sua religião e não fazer serviço algum no Sábado. Henrique IV escolheu-o para o seu Conselho apesar de oficialmente nenhum judeu poder viver em França.

(Cecil Roth Historic dates).

Do «American Hebrew».

Este número foi visado pela Comissão de Censura

de todos aqueles que admiram a obra imensa que êle não cessa de expandir em proveito dos desgraçados.

A União Universal das Comunidades Sepharditas, instituição jovem ainda, mas cujo fim é grandioso, pois que se trata do renascimento espiritual dos judeus sephardim, espera muito da sabedoria, da experiência, das directivas de Sir Elly Kadoorie e dos seus dignos filhos, para a ajudar a realizar êste fim pelo plano que será submetido à Conferência de Amsterdam a 15 de Maio de 1938.

Ela dirige igualmente as suas felicitações aos snrs. Lawrence e Horace Kadoorie de ter tido a nobre ideia de estreiar a sua carreira filantropica por uma tão importante acção: a edificação dum grande santuário.

E seja louvada a nobre nação portuguesa que abriga um tal templo e um tal símbolo. A este liberalismo a Biblia respondeu de antemão pelo versiculo seguinte:

Porque a minha Casa é uma Casa de Orações para todos os povos.

Dr. N. J. OVADIA

As Lápides de Honra

O Comité dos Maranos portugueses de Londres mandou afixar na Sinagoga -catedral do Pôrto as seguintes lápides de honra:

This SYNAGOGUE has been erected to the
GLORY OF GOD

and to mark the love respect and veneration
of LAWRENCE and HORACE KADDORIE
for their Father

SIR ELLY KADOORIE, K. B. E., Com Leg.
Hon. and their Mother
the late LAURA KADOORIE.

This Tablet records the gratitude of the
PORTUGUESE MARRANOS COMMITTEE
of LONDON

for the benefaction of the KADOORIE
family.

This Tablet is erected by the PORTUGUESE
MARRANOS COMMITTEE of LONDON in
honour of Captain ARTUR CARLOS DE
BARROS BASTO as a tribute to the historic
services rendered by him as the Leader of
the Jewish Work of Redemption in Portugal
and in the establishment of this SYNAGO-
GUE with which his name will be asso-
ciated for all time.

* * *

Esta sinagoga foi eregida para glória de Deus e para marcar o terno respeito e veneração de Lawrence e Horácio Kadoorie por seu pai Sir Elly Kadoorie, K. B. E. Comendador da Legião d'Honra, e sua mãe a falecida Laura Kadoorie.

Esta lápide recorda a gratidão do Portuguese Maranos Committee de Londres pela benemerência da familia Kadoorie.

Esta lápide é eregida pelo Portuguese Maranos Committee de Londres em honra do Capitão Artur Carlos de Barros Basto como um tributo pelos históricos serviços prestados por êle como Leader da Obra judaica de Redenção em Portugal e no estabelecimento desta Sinagoga com a qual o seu nome deve ser associado para todo o sempre.

Palestra em nome dum delegado

Ainda a propósito da inauguração da Sinagoga K. M. H.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

«Gostaria de possuir méritos de orador para poder traduzir por palavras o meu estado actual de alma, isto é, o meu pensar e o meu sentir. Poderia também tornar agradável esta minha ligeira palestra que, assim, apenas terá uma qualidade: ser sincera, absolutamente sincera.

Falo a V. Ex.cias em nome do Snr. Albino de Castro, decano dos maranos de Freixo de Espada à Cinta (distrito de Bragança), respeitável velho que, a-pesar-dos seus 80 anos, se desloca da fronteira até aqui para ter o prazer de assistir a esta solenidade.

Queria fazer compreender a V. Ex.cias o que sente um marano que conhece um pouco a religião dos seus antepassados, entrando num templo como êste e em tais circunstâncias.

Seria necessário para isso, Minhas Senhoras e Meus Senhores, desenrolar ante vossos olhos a vida judaica, ou melhor, a tragédia judaica—termos aqui quâsi sinónimos—dos últimos séculos, isto é, desde que os judeus residentes no nosso país foram «mar-anus» (convertidos à fôrça, amargamente).

Tentemo-lo a-pesar de tudo.

* * *

Estava-se no século XVI, século historicamente formidável, formidável pelas venturas e desventuras que trouxe aos habitantes de todos os países em geral e do nosso querido Portugal em particular.

Foi neste século que as lusas caravelas começaram audaciosamente a sulcar os mares, a sondar os seus mistérios, a revelar a existência de novos mundos, concorrendo para a expansão comercial, industrial e, digamos mesmo, moral e intelectual do nosso país. Abençoada por isso esta era.

Foi também neste século, e isso apaga as saúdades deixadas pelos outros aconteci-

mentos levando-nos a vê-lo negro como a morte—se êle é a própria Morte!—que foi instaurado no nosso país, no nosso Portugal antes abençoado, o maior monstro que a história regista, o mais maldado dos tribunais e, talvez porisso, o mais poderoso—o Tribunal da Santa Inquisição.

Santa! disse eu; na realidade era assim apelidada muito embora fôsse verdadeiramente infernal.

Efectivamente é impossível compreender que houvesse um Deus, um Deus que é nosso pai, Bom, Todo-Poderoso, Sumamente Misericordioso, a quem tão negregado Tribunal agrãdasse. Tal Deus, se existisse, deixaria de o ser, embora isto pareça um paradoxo, pois perderia estes mesmos atributos passando a ser um génio do mal.

Mas, Minhas Senhoras e Meus Senhores, não falemos nisso porque tal hipótese não pode, não deve ser encarada.

Quer o Tribunal quer as suas obras são da autoria dos homens, dos mortais. Porque Deus diz: «*Não quero que o pecador morra; quero que se arrependa e viva.*» E isto considerando já o povo judeu como um povo pecador, — «pecar é próprio dos homens».

Note-se, porém, que o princial pecado de que o acusavam era o de *adorar Deus de uma maneira diferente dêles.*

Quanto ao resto nada havia a dizer dos pobres judeus. Sempre serviram fielmente o seu país com todos os meios ao seu dispôr, sôbretudo intelectualmente, visto ser êste o seu mais vasto campo de acção.

A sua influência na história portuguesa é notável, mesmo nas descobertas através os «mares nunca dantes navegados».

Acompanharam sempre os capitães das naus como elementos de primeiro plano, permitindo-lhes livremente dispôr do seu talento poliglota, dos seus vastos conhecimentos de náutica, matemática, astronomia e de terras orientais.

E, afinal, Minhas Senhoras e Meus Senhores, qual a recompensa de tais serviços?

Crear um tribunal para lhes dar caça como a perigosas feras—a êles cujo principal pecado consistia em adorar um Deus Altissimo, Uno Onnipotente, Espiritual e Eterno!; encarcerá-los e infligir-lhes tôda a espécie de torturas e martírios; violentar-lhes as filhas e esposas depois de por todos os meios lhes fazer perder as fôrças nas masmorras—porém, quantas preferiram provocar a morte esmagando a cabeça conta as paredes, à falta de uma arma com que se podessem ferir, a entregar a sua honra a monstros como eram os esbirros!

Acontecimentos formidáveis pela grandeza dramática estes!

Suponham, Minhas Senhoras e Meus Senhores, o que sentirá um marano cioso dos seus antepassados e da sua história, cada vez que sobre esta corre a vista Sem dúvida há-de ver sempre os seus irmãos amarrados aos instrumentos de tortura, debater-se nos cárceres com tôda a espécie de agonias, caminhar lentamente para as fogueiras e sentir crepitar as chamas devoradoras dos corpos em que o sangue da sua raça circulava.

Muitos dêles conseguiram fugir para o estrangeiro; outros, porém, foram obrigados à fôrça a adoptar o cristianismo; e as crianças atiradas brutalmente para as pias batismais.

Aparentemente obtinham católicos e, sob pena de irem saborear o ardor das chamas, tinham em público de mostrar que o eram.

A maioria refugiou-se nas montanhosas aldeias transmontanas e beirenses. Aí continuaram a viver, exteriormente católicos e interiormente fieis ao credo mosaico, à religião dos seus antepassados.

E os anos foram-se arrastando, agrupando-se às dezenas e às centenas.

Os maranos sempre da mesma maneira, lutando pela vida, indo por vezes à igreja, mas orando ao Deus de Moisés.

A propósito, Minhas Senhoras e Meus Senhores, permitam-me que confirme estas minhas palavras com algumas orações colhidas no distrito de Bragança entre correigionários que as não deixaram perder através os séculos e ainda hoje as pronunciam com fervor:

Padre nosso: «Padre nosso um, padre nosso dois, padre nosso três... padre nosso

dez; morra a lei de Cristo e viva a lei de Moisés.»

Ao entrar na igreja: «Nesta igreja entro, mas não adoro pau nem pedra; também não adoro pão nem vinho; venho unicamente adorar ao Deus de Moisés vivo.»

Louvor ao Senhor:

«Quando ao mar chegámos,
«Logo por Moisés chamámos.
«Moisés nos respondeu
«Com uma voz muito dolorida:
«Chamai pelo Deus de Israel
«Que vós sereis socorridos.

«Louvamos ao Nascente,
«Louvamos ao poente;
«Louvamos ao Deus de Israel
«Para todo o sempre.

«Oh grande Deus de Israel
«Santo e justo e bendito.
«O Vosso Santo Nome
«No Monte Sinai está escrito.

=

Orações como estas, cheias de sinceridade e grandeza, poderia ler um grande número se não receasse abusar demasiado da paciência dos que me escutam.

* * *

Ora, segundo a própria natureza, o homem é sempre influenciado pelo meio e, por isso, pouco a pouco, os maranos começaram a assimilar-se aos católicos, perdendo algumas das suas tradições e costumes.

Os anos foram-se acrescentando. Cerca de cinco séculos são já passados—cinco séculos, Minhas Senhoras e Meus Senhores!

Havia-se quasi deixado de falar em judaísmo. Mas a tradição nunca se chegou a perder por completo.

Hoje existem ainda nas reconditas aldeias e, duma maneira geral, em todos os meios. Não falam em judaísmo, é certo, mas oram ao Deus de Israel, têm práticas judaicas. Provam-no as orações que acabei de ler e, melhor, o vasto repositório de tradições recentemente colhidas nas mais diversas localidades registadas no jornal «Ha-Lapid» que há 11 anos publica a Comunidade Israelita

do Pôrto; e prova-o melhor ainda a Sagrada «Obra do Resgate» devida a S. Ex.cia o Sr. Cap. B. Basto.

E é, Minhas Senhoras e Meus Senhores, passados 500 anos, quando se supunha o judaísmo completamente desaparecido que nesta cidade Invicta tem lugar a inauguração solene de uma Catedral judaica, uma Catedral magestosa, admiravelmente delineada, uma Catedral onde V. Ex.cias vêm ver descendentes dos mártires da Inquisição que hoje não esitam em declarar orgulhosamente a sua origem e declará-lo bem alto, aos quatro ventos, como aqui se vem fazendo.

Esta é, pois, a primeira Conferencia Judeo-Portuguêsa efectuada na Península Ibérica desde que a Inquisição se apagou da face da terra.

Compreenderão agora, Minhas Senhoras e Meus Senhores, um pouco melhor a minha emoção assistindo a êle, e o que eu queria, se fôsse artista da lingua, pintar a V. Ex.cias com as devidas côres.

Abri-lhes, porém, o meu coração, pronunciando palavras sinceras, palavras duma alma sangrenta das torturas padecidas pelas suas irmãs, mas que, hoje sobretudo, começa a sentir-se curada, pois reconhece que uma aurora nova surgiu, uma aurora de Redenção, uma aurora Imortal na História dos Cristãos Novos, e exulta de júbilo por ter assistido a ela e ter para tal concorrido com o seu fraco préstimo.

Resta-me, pois, Minhas Senhoras e Meus Senhores, unir-me a todos os correligionários, para juntos glorificarmos o Deus Altíssimo e Uno de Israel, rogando-lhe que conceda ao seu povo vida e saúde para cumprir a missão sacerdotal de que foi encarregado.

Tenho dito.

Pôrto, 16 de Janeiro de 1938.

Norberto A. Moreno

Rabi Dr. Henrique Pereira Mendes

No dia 20 de Outubro de 1937, na sua residência em Mount Vernon com a idade de 85 anos faleceu o Rabi-mor Emeritus dos judeus do rito português de New York. Era um historiador notavel e foi um dos nove fundadores do importante periodico judaico American Hebrew.

Deus Bendito tenha a sua alma em paz.

VIDA COMUNAL

Casamento—Realisou-se solenemente no dia 20 de Março (17 de Veadar) na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm, segundo o rito português, a benção nupcial religiosa do Snr. Max Hans Dreifuss, natural de Buehl (Alemanha) e da Snr.^a Heldegard Midas, natural de Furth (Baviera). Serviram de padrinhos os Snrs. Hans Warmbrun e Paul Platckek e de madrinhas as Snr.^{as} Warmbrun e Platckek.

No final do acto religioso o Snr. Elbogen, filho do Rabi Elbogen, reitor do seminário rabinico de Berlim, fez um magífico discurso (darusch) sobre a vida do lar judaico. Foi o acto religioso celebrado pelo Rev.^o Hertz, servindo de mestre de cerimónias o moreh marano, Snr. David Moreno.

Aos noivos deseja Ha-Lapid muitas felicidades.

Festa de Purim—Decorreu numa atmosfera de sã alegria esta festividade na nossa Comunidade.

Os cárceres da Inquisição

As prisões do Santo Officio eram, na maior parte das cidades, sujas celas de 12 pés de comprimento por 10 de largura, não recebendo mais que um fraco rajo de claridade por uma pequena janela aberta no alto de maneira que os prisioneiros podiam a custo distinguir os objectos. A metade destas celas era ocupada por um estrado sôbre o qual êles se deitavam; mas como cabiam nele a custo 3 pessoas e muitas vezes metiam o dôbro em cada quarto, os mais robustos eram obrigados a dormir no chão, onde tinham tanto espaço como o que é reservado aos mortos numa sepultura. Estas celas eram tão húmidas que as esteiras ou palhas que serviam a estes desgraçados apodreciam em pouco tempo. Os outros móveis de que os calabouços eram guarnecidos consistiam em alguns vasos de barro para satisfazerem as necessidades naturais; estes vasos eram esvasiados semanalmente, o que obrigava os prisioneiros a viverem numa atmosfera viciada, que a maior parte si encontra a morte, e os que saiam estavam tão desfigurados que pareciam cadáveres ambulantes.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(Continuação do n.º 83)

2) E eu vendo o que me enviaram pedir, querendo-lhes fazer graça, e mercê, não embargando o dito meu mandado, que sobre tal foi feito: tenho por bem, e mando, que aqueles Judeus, que minhas cartas mostrarem e que hajam de fazer os ditos contratos, que os façam chãos ou desaforados como às partes aprouver, e que se sejam chãos, ou desaforados, que não ponham em eles penas algumas.

3) E daqui em diante quando estes Judeus, ou Judias quizerem contratar com Cristãos e Cristãs, seja a ele presente o juiz, se a ele presente poder ser, ao qual Eu mando que se não escuse dele, salvo se houver algum embargo tal, por que não possa a ele ser presente, ca se eu achar e se dele escusa maliciosamente, eu lho estranharei muito gravemente: e não podendo a ele ser presente, mande a um Tablião, e esteja a ele presente com outro Tablião, que o contrato houver de escrever à custa do Judeu, e trez homens bons Cristãos, que ao dito contrato sejam presentes por testemunhas, ao menos; e entregue logo êsse Judeu a cousa, que vender, se cousa fôr, e se possa logo entregar, ou o preço da cousa, que comprar, ou qualquer outra cousa de que quizer fazer o contrato.

4) E essa cousa, ou preço entregada, ou não, seja dado juramento pelo Juiz, ou tablião, que o contrato escrever as partes, que esse contrato entre si quizerem fazer, a cada um a sua lei quando esse contrato fizerem entre Cristão e Judeu, que digam se o dito contrato, pela guiza que o mandaram fazer, é bom, e verdadeiro, sem onzena, e concluído nenhum de ouzena; e se pelo dito juramento disserem, que o dito contrato é bom, e verdadeiro, e sem onzena, e concluído de onzena, como por eles é razoado, então o dito Tablião presente o dito juiz ou outro Tablião quanto o dito juiz aí não poder ser, e as ditas testemunhas, escreva o dito contrato com o dito juramento, que as

ditas partes sobre ele fizerem; e outro se como esta cousa, ou preço foi entregue ou devedor, ou não, se cousa for, de que se logo não possa fazer entrega: e os contratos, que se em esta guisa fizerem, mando que valham, e d'outra guisa não.

5) E se depois acontecer que êsse Cristão com que êsse contrato for feito, porvar por seu juramento, e por uma testemunha Cristã, ou Judia de crer, sendo esta parte tal, que o Juiz entenda que em tal caso deva ser creada por seu juramento, e quando tal pessoa não for, e provar por duas testemunhas Cristãos ou Judeus, ou por um Cristão e por um judeu dignos de fé e de crer, que esse contrato foi e é onzaneiro, e houve em ele onzena, ou outro engano de usura, mando que o Judeu, cujo êste contrato for, que o perca e o Cristão, que em ele for obrigado, seja dele quite; e a Justiça do Lugar, onde isto acontecer, faça logo entregar este contrato ao dito Cristão; e tome dos bens do dito Judeu, cujo o contrato for, outro tanto, quando montar no dito contrato, e o entregue por mim ao Almuxarife do Lugar, onde isto acontecer, perante o meu Escrivão.

6) E o Judeu não haja porém outra pena nenhuma pela primeira vez, que tal razão como esta acontecer; e pela segunda vez como pela dita guisa a quantia dobrada de qualquer contrato; e pela terceira vez tome para mim pela guisa suso dita aquelo, que contar no dito contrato de qualquer cousa que seja por uma cousa quatro; e das trez vezes em diante haja tal pena, como dito é na terceira vez.

7) E o Cristão outro si não seja tendo a pena alguma por esse juramento, que fez quando o contrato foi feito, porque acusou, e descobriu depois a verdade do dito contrato. E em cada uma das ditas segunda, e terceira vezes e por todas as outras seja o Cristão livre, e quite do dito contrato, e entregue dele pela justiça da terra pela guisa, que dito é na primeira vez.

8) E por esta mesma guisa se faça os contratos, que os ditos Judeus fizeram, ou cada um deles com os Cristãos em razão das compras e vendas das herdades.

(Continúa)